

FETICHO, ESTEREÓTIPOS E PODER: A REPRESENTAÇÃO DE MULHERES VÍTIMAS DE FEMINICÍDIOS NO DISCURSO DOS SITES AC24HORAS, CONTILNET NOTÍCIAS E G1 ACRE

Francisco Aquinei Timóteo Queirós¹

Gisele da Silva Almeida²

Resumo: Em fase inicial de elaboração, este presente trabalho que está sendo desenvolvido no Programa de Pós-Graduação em Letras: Linguagem e Identidade (Ufac), tem a finalidade de problematizar os discursos sobre as mulheres vítimas de feminicídios. O estudo propõe realizar análise discursiva nos sites AC24horas, Contilnet Notícias e G1 Acre, tendo como recorte temporal os anos de 2015, 2018 e 2024, e como recorte geográfico a cidade Rio Branco, capital acreana, que concentra o maior número de casos. Para tanto, valemo-nos do diálogo estabelecido com Hall (2016), Butler (2011) e Fairclough (2001). A partir do tensionamento do conjunto de autores foi possível inferir três categorias analíticas, a saber: Fetichismo, Estereótipos e Poder. A análise perfaz os anos de 2015, 2018 e 2024, em Rio Braco, Acre. Os jornais escolhidos foram selecionados devido as suas grandes repercussões no estado e por apresentarem média de 12 a 18 anos de existência.

Palavras-chave: Feminicídio; Mulheres; Jornalismo; Representação; Discurso.

1. Introdução

Decidir continuar pesquisando sobre feminicídio foi uma escolha desafiadora e necessária. As primeiras leituras sobre a temática iniciaram ainda na graduação de Jornalismo da Universidade Federal do Acre (Ufac), em meados de 2023, e desde então me fez despertar ainda mais a vontade de continuar em busca de mais de conhecimento após apresentar o livro-reportagem ‘Feminicídio: Viviane Não Voltou Pra Casa’, como projeto experimental de Trabalho de Conclusão de Curso (TCC).

Escrever sobre esse primeiro caso julgado por feminicídio em Rio Branco, me colocou diante de outros diversos registros em sites jornalísticos do Acre. Assim como disse no dia da apresentação do trabalho, percebi que os estudos deveriam continuar a ser pesquisado no mestrado.

¹ Doutor em Ciências da Comunicação (Unisinos). Mestre em Letras: Linguagem e Identidade (UFAC). Professor do Programa de Pós-graduação em Letras: Linguagem e Identidade (PPGLI) e do curso de Jornalismo da Universidade Federal do Acre (UFAC). Cursando Pós-doutorado em Comunicação, no Programa de Pós-graduação em Comunicação (PPGCOM), da Universidade Federal de Rondônia – UNIR. E-mail: aquinei@gmail.com.

² Mestranda do Programa de Pós-Graduação em Letras: Linguagem e Identidade – Universidade Federal do Acre (Ufac), email: gisele.almeida@sou.ufac.br

A finalidade do presente estudo é problematizar os discursos sobre as mulheres vítimas de feminicídio nos jornais AC24horas, Contilnet Notícias e G1 Acre. Para tanto, valemo-nos do diálogo estabelecido com Hall (2016), Butler (2011) e Fairclough (2001). A partir do tensionamento do conjunto de autores foi possível inferir três categorias analíticas, a saber:

Fetichismo, Estereótipos e Poder.

Para entender a gravidade do problema é necessário compreender o contexto em que o Acre sempre se encontrou diante do problema apresentado. Segundo dados obtidos pelo Anuário Brasileiro de Segurança Pública, com base nas edições de 2016 a 2024, o Acre sempre esteve entre os primeiros com a maior taxa de feminicídio no país - a medição é feita com base no número de 100 mil mulheres.

De acordo com as informações mais atuais publicadas pelo Fórum Brasileiro de Segurança Pública, o Acre alcançou a 2º maior taxa de feminicídios do país no ano de 2023 – o equivalente a 2,4, empatado com Rondônia e Tocantis. O primeiro lugar é ocupado pelo estado de Mato Grosso, com um índice de 2,5.

De 2018 a janeiro de 2025, o Acre registrou 78 feminicídios e 111 tentativas. É importante acrescentar que 86% eram mulheres negras, 71% delas tinham apenas o Ensino Fundamental incompleto, e mais de 70% deixaram filhos. Os dados foram contabilizados pelo Feminicidômetro³ - ferramenta desenvolvida pelo Observatório de Gênero do Ministério Público do Acre (MPAC), com o objetivo de promover a transparência, o controle social e subsidiar políticas públicas no enfrentamento aos feminicídios no estado.

2. Objetivos

2.1 Geral

Analisar o discurso sobre as mulheres vítimas de feminicídio em matérias publicadas nos sites de notícias Ac24horas, ContilNet Notícias e G1 Acre, perfazendo os anos de 2015, 2018 e 2024, em Rio Branco, capital do Acre.

³ MINISTÉRIO PÚBLICO DO ESTADO DO ACRE. Feminicidômetro. Rio Branco: MPAC, 2021-. Disponível em: <https://feminicidometro.mpac.mp.br/>. Acesso em: 08 jun. 2025.

2.2 Específicos

- Problematizar de que forma os fatores sociais, como machismo, patriarcado e desigualdade de gênero podem contribuir para o crime de feminicídio;
- Entender como os estereótipos reforçam a culpabilização da mulher em casos de feminicídio;
- Identificar quais discursos são propagados sobre as mulheres vítimas de feminicídio nos sites AC24horas, Contilnet Notícias e G1 Acre.

3. Aspectos teóricos-metodológicos

3.1 Teóricos

É importante observar que os aspectos teóricos estão sendo discutidos, pois a pesquisa se encontra no seu início de estudo. Dessa forma, é importante salientar que podem ser acrescentados mais autores, ou até outras mudanças no referencial teórico.

O sociólogo Stuart Hall é essencial para a pesquisa pois reflete o processo de representação das mulheres nas mídias locais.

Representação é a produção do sentido pela linguagem. Na representação, argumentam os construtivistas, nós usamos signos, organizados em linguagens de diferentes tipos, para nos comunicar inteligivelmente com os outros. Linguagens podem usar signos para simbolizar, indicar ou referenciar objetos, pessoas e eventos no chamado mundo "real". Entretanto, elas também podem fazer referência a coisas imaginárias e mundos de fantasia ou a ideias abstratas que não são, em nenhum sentido óbvio, parte do nosso mundo material. Não existe uma simples relação de reflexo, imitação ou correspondência direta entre a linguagem e o mundo real. O mundo não é precisamente refletido, ou de alguma outra forma, no espelho da linguagem: ela não funciona como um espelho. O sentido é produzido dentro da linguagem, dentro e por meio de vários sistemas. (Hall, 2016, p.53).

Outro fator que não pode ser esquecido nesse trabalho, é os estudos sobre gênero com base na teórica Judith Butler. Pois segundo a autora, a definição não gira em torno de que nascemos com o gênero, mas é um conjunto de ações que as pessoas tendem a fazer todos os dias.

O gênero não é inscrito no corpo passivamente, nem é determinado pela natureza, pela linguagem, pelo simbólico, ou pela história assoberbante do patriarcado. O gênero é aquilo que é assumido, invariavelmente, sob coação, diária e incessantemente, com inquietação e prazer. Mas, se este ato contínuo e confundido com um dado linguístico ou natural, o poder e posto de parte de forma a expandir o campo cultural, tornado físico através de performances subversivas de vários tipos (Butler, 2011, p. 87).

3.2 Metodológicos

O trabalho vai seguir uma das linhas de pensamentos da Análise do Discurso, a Teoria Social do Discurso, que busca compreender o discurso como prática social, desenvolvida por Norman Fairclough. Este modelo tridimensional do discurso analisa o texto, a prática discursiva e a prática social, revelando como o discurso contribui para a reprodução ou transformação de relações de poder e ideologias.

O discurso contribui para a constituição de todas as dimensões da estrutura social que, direta ou indiretamente, o moldam e o restringem: suas próprias normas e convenções, como também relações, identidades e instituições que lhe são subjacentes. O discurso é uma prática, não apenas de representação do mundo, mas de significação de mundo, constituindo e construindo o mundo em significado (Fairclough, 2001, p. 91).

3.3 Categorias de análises

De acordo com os assuntos abordados anteriormente, fica claro que o fato mais importante das categorias de análises, é a representação. Hall (2016) explica que esse ato não é uma prática simples, tampouco ‘transparente’, pois são por meio da construção de significados, que as pessoas podem determinar como os fatos serão interpretados.

Dessa forma, além de entender sobre essa representação, visa-se compreender outros termos abordados pelo autor para que ocorra essa construção de sentidos.

3.3.1 Poder

O poder é extremamente crucial para que a representação seja entregue. Ele é central quando relacionado a produção e circulação de significados Hall (2020). Devido a isso, é necessário entender como os jornais estão fazendo o seu uso.

A circularidade do poder é especialmente importante no contexto da representação. O argumento é que todos - os poderosos e os sem poder - estão presos, embora não de forma igual, na circulação do poder. Ninguém - nem suas vítimas aparentes, nem seus agentes - consegue ficar completamente fora do seu campo de operação. (Hall, 2016, p.21).

A mídia exerce um poder sobre a sociedade, até porque diversos materiais que são publicados nesses meios de comunicação ajuda a população a ter ainda mais percepção sobre determinados assuntos.

3.3.2 Estereótipos

A maioria das pessoas estão todos os dias em busca de sites jornalísticos, televisão, redes sociais e dentre outros, para poder entender o que ocorre no mundo ou até mesmo na sua localidade. É um número grande de usuários que gastam tempo lendo, ouvindo, compartilhando, comentando, engajando ou até mesmo assistindo.

Após essas ações, existe um movimento entre essas pessoas. Elas podem sair e comentar com o máximo de sujeitos que puderem, com quem tiver no seu ciclo, seja no trabalho ou em um barzinho na cidade. Aquela informação não vai ficar apenas no meio midiático, alguém sairá e distribuirá de alguma forma para sociedade.

É necessário ter uma atenção e cuidado quando o jornalismo decide abordar ou trazer casos sobre o feminicídio, pois não é um texto comum. O tema de certa forma traz consigo complexidades devido ser um problema de gênero, raça e classe.

Hall explica que quando os estereótipos são utilizados, eles acabam reduzindo, essencializando, naturalizando e mantendo as ideias fixas.

A estereotipagem tende a ocorrer onde existem enormes desigualdades de poder. Este geralmente é dirigido contra um grupo subordinado ou excluído, e um de seus aspectos, de acordo com Dyer, é o etnocentrismo - "a aplicação das normas da própria cultura para a dos outros" (Brown, 1965: 183). Novamente, lembre-se do argumento de Derrida: entre oposições binárias como Nós/Eles, "não estamos lidando com (...) uma coexistência pacífica (...), mas sim com uma hierarquia violenta. Um dos dois termos governa (...) o outro, ou tem a primazia". (DERRIDA apud HALL, 2016, p.193).

Os estereótipos acabam entrando no campo da representação, pois podem acabar legitimando a forma de como os assuntos serão interpretados. Como por exemplo: ‘ aquela mulher gosta de apanhar’, ‘não largou porque não quis’, ‘estava bebendo’, ‘era atrevida’, ‘mereceu por que traiu’, ‘fez por onde’.

3.3.3. Fetichismo

Outro fato abordado por Hall nos estudos referentes a representação, é a respeito do fetichismo. [...] “substituição do todo pela parte, de um sujeito por uma coisa - um objeto, um órgão, uma parte do corpo - é o efeito de uma prática representacional muito importante, o fetichismo” (HALL, 2016, p.205).

Para entender ainda mais essas definições, o autor usa na obra um exemplo da Saarje Baartman, conhecida como “Vênus Hotentote”.

"Vênus Hotentote" foi submetida a uma forma extrema de reducionismo - uma estratégia que muitas vezes é aplicada à representação dos corpos de mulheres de qualquer raça, especialmente na pornografia. As "partes" dela que foram preservadas funcionavam, de forma essencializadora e reducionista, como "um resumo patológico do indivíduo inteiro (GILMAN apud HALL, 2016, p.205).

É possível observar que o fetichismo dar ênfase de forma exagerada em aspectos sensacionalistas, e ao mesmo tempo ignora outras questões que são mais importantes para discussão necessária. No exemplo citado, mostra-se um foco excessivo nas partes dessas mulheres, no que era ‘diferente’, e com isso a tornava uma forma de objetificação.

A definição pode ser analisada nas matérias publicadas sobre feminicídio, em que o foco das matérias em muitos momentos não é trazer os reais problemas que aquilo acarreta, mas de tornar o caso mais engajado. Por isso que é notório que algumas publicações detalhem a violência, brutalidade que aquela mulher enfrentou, quantidade de facadas nas manchetes, mais descrições da agressão dentro do texto, além de alguns veículos publicarem fotos ou vídeos que ajudem ainda mais nesse ‘foco excessivo’. “[...] quanto menos detalhes houver sobre o caso, maior o detalhamento da cena do crime e do estado do corpo, inclusive por meio de imagens.” (INSTITUTO, 2019).

Ao mesmo tempo que isso ocorre, vale relembrar que outras partes podem estar sendo reduzidas. Pois não se discute os problemas que levaram aquele crime, como a desigualdade de gênero ou a cultura do patriarcado. Além disso, mostrar que não existe apenas a violência física, pois é possível observar que muitas delas em alguns casos enfrentavam a violência psicológica, moral ou patrimonial – tem também a sexual.

Para fazer o espetáculo ou disputar a audiência, parte da cobertura tende a focar suas narrativas na exploração de uma ‘história de amor’ com final trágico, de um momento de loucura provocado pela vítima ou de um crime ‘monstruoso’ cometido por um ser anormal e cruel, que mata com requintes de perversidade e mutila e destroça o corpo. (INSTITUTO, 2019).

4. Considerações finais

As discussões precedentes nos possibilitaram compreender o papel social, cognitivo e cultural ocupado pelo jornalismo na cobertura sobre as vítimas de feminicídio, em Rio Branco, capital do Acre. Para alcançar esse objetivo, estabelecemos diálogo com o pensamento de Hall (2016), Butler (2011) e Fairclough (2001).

Nossas reflexões são atravessadas pela definição de um conjunto de categorias analíticas, destacando os pressupostos sobre poder, estereótipo e fetichismo. Compreendemos que o debate proposto ainda é inicial, pois se trata de um projeto em andamento. Entretanto, alimentamos a firme convicção de que compreender e problematizar o papel assumido pelo jornalismo e, por extensão, dos portais noticiosos na cobertura sobre crimes de feminicídio, possibilita a articulação crítica e aprofundada do debate social sobre o tema e também a construção de uma episteme jornalística mais humanística e contextualizadora sobre os discursos e representações do feminicídio nos veículos AC24horas, Contilnet Notícias e G1 Acre.

5. Referências

- BRASIL, Presidência da República. *Lei nº 13.104, de 9 de março de 2015*. http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/_Ato2015-2018/2015/Lei/L13104.htm, apud INSTITUTO PATRÍCIA GALVÃO (org.). Feminicídio #InvisibilidadeMata. [S. l.: s. n.], 2017.
- BRASIL. *Lei nº 14.994, de 9 de outubro de 2024*. Altera disposições sobre o feminicídio e a violência contra a mulher. Diário Oficial da União, Brasília, 9 out. 2024.
- BRUM, Eliane. *O Olho da Rua: Uma repórter em busca da literatura da vida real*. Porto Alegre: Arquipélago Editorial LTDA., 2008. 373 p.
- BUTLER, Judith. *Problemas de gênero. Feminismo e subversão da identidade*. Rio de Janeiro, Civilização Brasileira, 2003.
- FAIRCLOUGH, Norman. *Discurso e Mudança Social*. Brasília: Editora Universidade de Brasilia, 1992. 316 p.
- FÓRUM BRASILEIRO DE SEGURANÇA PÚBLICA. *Anuário Brasileiro de Segurança Pública 2023. Homicídios de mulheres e feminicídios (1) Brasil e Unidades da Federação – 2021-2022*. Disponível em: <https://forumseguranca.org.br/wpcontent/uploads/2023/07/anuario-2023.pdf>. Acesso em: 15 agosto 2023.
- HALL, Stuart. *Cultura e representação*. Rio de Janeiro: PUC-Rio: Apicuri, 2016.
- INSTITUTO Patrícia Galvão. *Dossiê Feminicídio – Qual o papel da imprensa?* Disponível em: <https://dossies.agenciapatriciagalvao.org.br/feminicidio/capitulos/qual-o-papel-daimprensa/> Acesso em: 25 jan 2025.
- INSTITUTO Patrícia Galvão. *O que é feminicídio?*. [S. l.], 14 jul. 2023. Disponível em: <https://dossies.agenciapatriciagalvao.org.br/feminicidio/capitulos/o-que-e-feminicidio/>. Acesso em: 19 fev. 2025.

LEBRE, Victor. *Acre teve 2º maior índice de feminicídios do país em 2023, aponta relatório.* [S. l.], 8 mar. 2024. Disponível em:

<https://g1.globo.com/ac/acre/noticia/2024/03/08/acre-teve-2o-maior-indice-de-feminicidiosdo-pais-em-2023-aponta-relatorio.ghtml>. Acesso em: 19 fev. 2025.

MINISTÉRIO PÚBLICO DO ACRE. Observatório de Violência de Gênero.

Feminicidômetro. [S. l.], 10 mar. 2021. Disponível em:

<https://feminicidometro.mpac.mp.br/>. Acesso em: 19 fev. 2025.